



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARCUS PAULO GONÇALVES DE LIMA

VARIAÇÕES LEXICAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

CAJAZEIRAS - PB

2018

MARCUS PAULO GONÇALVES DE LIMA

**VARIAÇÕES LEXICAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Língua Portuguesa do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

**CAJAZEIRAS – PB
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

L732v Lima, Marcus Paulo Gonçalves de.
Variações léxicas do português brasileiro: uma análise do livro didático do 6º ano do ensino fundamental II / Marcus Paulo Gonçalves de Lima. - Cajazeiras, 2018.
42f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Lexicologia. 2. Variações léxicas. 3. Língua portuguesa - história. 4. Livro didático. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'373

MARCUS PAULO GONÇALVES DE LIMA

VARIAÇÕES LEXICAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Língua Portuguesa do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em Letras.

Aprovado em: 18 / 12 / 2018

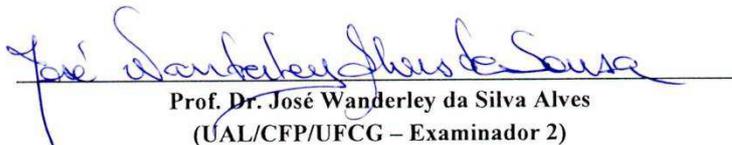
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Prof. Msa. Rozilene Alves Lopes
(UAE/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Dr. José Wanderley da Silva Alves
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

A Deus, criador do universo; a minha mãe Ana Maria, pelo colo; a minha esposa Kalynne, pela paciência; ao meu filho Heitor, meu mundo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelos momentos de força e coragem que o Senhor me concedeu, pois foram muitas as vezes de pensar em desistir.

A minha esposa Kalynne, pela paciência, dedicação, amor, carinho e incentivo, pela mulher forte que cumpre seu papel de mãe com tanto afinho.

Ao meu filho Heitor, que chegou durante o curso para me dar força e continuar a luta.

A minha mãe que tanto lutou por mim, para que eu nunca perdesse o foco nos estudos mesmo enfrentando todas as dificuldades.

Aos meus tios maternos Severino e Ribamar, que durante toda a minha vida causada pela ausência do meu pai, foram como um espelho de humildade e honestidade.

Aos meus irmãos pelo apoio, por ser o irmão mais velho sempre buscavam em mim uma referência para eles.

Aos meus primos e primas, que devido à rotina árdua de trabalho, estudos e por morarem distante, foram como uma fonte de inspiração.

Aos meus familiares e amigos de modo geral, que sempre me apoiaram dando força e coragem.

A minha amiga Luana das Chagas, que nos momentos difíceis da graduação sempre esteve disposta a ajudar ligando, enviando mensagens, sempre preocupada com o meu andamento durante o curso.

A minha sogra Lúcia, que sempre estendeu a mão para cuidar do meu filho quando precisei, sem medir qualquer esforço.

A minha amiga Egle Katarinne, que foi de fundamental importância na reta final do curso, sendo uma pessoa admirável pela força de vontade em transmitir o conhecimento, demonstrando sua coragem de mulher e de mãe.

A Alzenir e Maria por serem um fonte de fé nos momentos de desamparo.

A Sandriana e Valdenes por transbordarem a paz e a tranquilidade nos dias de aflição.

Ao poeta e amigo Elionaldo, pois com você os dias tornaram-se mais alegres.

Ao professor Abdoral pelo conhecimento a partilhado, de forma humilde, simples e honesta, trazendo para comigo o prazer pelos estudos, à dedicação durante a orientação deste trabalho e em sala de aula.

Aos colegas de sala pelos momentos de alegrias e conquistas, por colaborarem com o crescimento de todos, amenizando as dores e os calos desta caminhada, por uma palavra no momento de dificuldade, pela descontração quando necessário para tirar a tensão.

Por fim a todos que contribuíram de maneira parcial e imparcial, com um abraço, com um sorriso e com um ouvido.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o livro didático Português Linguagens, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do 6º ano do ensino fundamental II as variações lexicais. Procuramos refletir a partir da história da Língua Portuguesa e a língua que lhe deu origem: o Latim. Temos como objetivo geral analisar por meio de instrumento de pesquisa o livro didático a variação do léxico e objetivos específicos: elucidar a partir do contexto histórico as variações linguísticas; verificar se a história da língua portuguesa é prestigiada no livro didático; e verificar em qual contexto o livro didático aborda a variação lexical. Aprofundamo-nos em conhecimentos sobre a evolução e o contexto histórico em que ocorreu e como aconteceu a mudança do Latim para o galego-português e, mais tarde: Língua Portuguesa. Visto que, dentre os mais importantes meios interacionais, atualmente, no mundo, está à língua, porque sem ela não há comunicação plausível entre os povos. Consequentemente, de acordo com nossas reflexões, com o objeto analisado conseguimos ampliar sensivelmente o aprendizado linguístico e dos possíveis leitores que se aventurarem nesta leitura. Classifica-se como uma pesquisa bibliográfica, descritiva de análise qualitativa. Os autores abordados foram Teyssier (2001), Ilare (2006), Castilho (2009), Coutinho (2011) entre outros. Diante da análise do capítulo III do livro supracitado, pode-se afirmar que os autores abordam de maneira superficial o contexto histórico da evolução das diferentes línguas. Embora os alunos já tenham pouco conhecimento sobre a história da LP, o livro analisado apresenta pouco conteúdo sobre a história, deixando uma vasta lacuna dos acontecimentos ocorridos ao longo do tempo para que chegássemos a nossa língua na atualidade.

Palavras chaves: Variações Lexicais. Língua Portuguesa. História. Livro Didático.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the textbook *Português Linguagens*, by Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, used in the 6th year of elementary school II, regarding lexical variations. We reflect on the history of the Portuguese Language and its mother language: Latin. We have as general objective the analysis of lexicon variations by means of the didactic book as a research instrument. And for specific purposes, they are: to elucidate from the historical context the linguistic variations; to verify if the history of the Portuguese language was contemplated in the textbook; and also verify in which context the textbook addresses lexical variation. We deepened our knowledge on the evolution and the historical context in which the change from Latin to Galician-Portuguese and later, Portuguese Language, occurred and how it happened. This study arises within the relevance of verbal language, since it is found among the most important interactional media current in the world, and without it there is no plausible communication between peoples. Consequently, according to our reflections and the object we have pursued, we have been able to significantly broaden our linguistic understanding and of the possible readers who venture into this reading. This research, therefore, is classified as a bibliographic research, descriptive of qualitative analysis. The authors consulted were Jonas Teyssier (2001), Ilare (2006), Castilho (2009), Coutinho (2011) and others. From the analysis of chapter III of the aforementioned book, it can be affirmed that the authors superficially approach the historical context of the evolution of the different languages. Although the students already have little knowledge about the history of LP, the book analyzed presents little historical aspects of it, leaving vast gaps between happenings over time so that we arrived at our language nowadays.

Keywords: History. Portuguese language. Lexical variations. Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior.....	18
Figura 2	- Área primitiva do galego-português e da Reconquista.....	22
Figura 3	- Testamento de Afonso II.....	24
Figura 4	- Notícia de Torto.....	24
Figura 5	- Capa e Ficha Catalográfica do LD.....	32
Figura 6	- Apresentação do Capítulo 2 do LD.....	33
Figura 7	- Histórias em Quadrinhos.....	33
Figura 8	- Definição de dialeto e Babel das Línguas.....	34
Figura 9	- Variedades linguísticas	35
Figura 10	- Oralidade escrita , formalidade e informalidade.....	36
Figura 11	- Onde vive a LP.....	37
Figura 12	- Semântica e discurso.....	38
Figura 13	- Filmes em Portugal.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Centro de Formação de Professores
LD	Livro didático
LP	Língua Portuguesa
PI	Península Ibérica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CHEGADA DOS ROMANOS À PENÍNSULA IBÉRICA	16
1.1 AS CARACTERÍSTICAS DO LATIM: CLÁSSICO E VULGAR.....	20
1.2 AS TRANSFORMAÇÕES DO LATIM VULGAR EM GALEGO-PORTUGUÊS	22
2 O PORTUGUÊS QUE CHEGA AO BRASIL	26
2.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	28
3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO FUNDAMENTAL II.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O português brasileiro apresenta inúmeras diferenças entre o português europeu nos campos morfológico, lexical, fonético, sintático e semântico, e são essas diferenças que nos leva a pesquisar minuciosamente, ou seja, buscar entender os fatores históricos da língua portuguesa (LP) que contribuíram para a nossa língua, levando-nos a questionar os diferentes aspectos, quando falamos e escrevemos diferente dos portugueses, já que, fomos colônia de Portugal.

Os fatos históricos ocorridos durante a colonização do Brasil foram um dos pontos mais influenciadores para a origem do português brasileiro, não podendo ser desprezada a história dos índios que já habitavam a nossa terra, os escravos trazidos da África transportados de maneira desumana em navios para servirem como moeda de troca e mão-de-obra barata, como também, a imigração europeia que ocorreu ao longo da história.

A inserção da LP no Brasil não se deu apenas em um único momento, foi necessário um longo período, com a colonização entre os séculos XVI e XVIII, quando a LP começou a entrar em contato com outras línguas, inclusive com as línguas na colônia. Nesse contexto é importante destacar que os portugueses também, trouxeram uma língua bastante arcaica vinda de várias regiões de Portugal, apresentando-se de forma irregular na oralidade e na escrita.

Nesse cenário, de acordo com a visão de Castilho (2009), qualquer pesquisa ou análise da LP no Brasil deve ser realizada mediante a consideração/constatação das influências indígenas no que diz respeito aos falares da língua, como também, a forte extensão africana e europeia, pois o próprio português que chega ao Brasil é marcado pela língua africana devido ao controle das terras africanas pelos portugueses. O autor ainda ressalta que essas condições predominantemente de origem demográfica, podem ser resumidas em três fatores; primeiro fator *o colono português*, período em que é datada a colonização do Brasil com a chegada dos portugueses de todos os lugares de Portugal; o segundo fator *os aloglotas*, povos que deixaram de falar sua língua para falar outra, esse período pode ser compreendido também como fase de bilinguismo (processo pelo qual os índios foram mais atingidos pelos portugueses) e o terceiro fator foram *os imigrantes*, que durante o século XIX chegaram ao Brasil, povos de todas as regiões do mundo como italianos, alemães, holandeses, japoneses entre outros, como a LP já tinha sua estabilidade, ficou mais fácil à chegada dos imigrantes.

No português europeu, assim como no português brasileiro, ocorreram mudanças de cunho sincrônico e diacrônico, desde o latim vulgar ao galego-português, tornando-se cada vez mais instigante a busca por respostas sobre a origem das línguas.

As reflexões sobre as diferenças do Português do Brasil e o Português de Portugal nos ajudam a adquirir um novo olhar sobre a análise da nossa língua. Muitos fatores contribuíram para as diferentes formas linguísticas como a distância geográfica entre Brasil, Portugal e África. A LP surge no século IX e seus primeiros escritos são em galego-português e a língua portuguesa trazida para o Brasil no século XVI entra em contato com a língua nativa, mostrando a origem distinta no tempo de cada língua. O latim quando chega à Península Ibérica (PI) entra em contato com outras línguas: os iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses, que apresentavam uma língua e uma cultura bastante diversificada. A língua usada na colonização ainda é o latim principalmente para a educação e catequização.

Apoiando-se nessa discussão, chegamos a dois questionamentos sobre a história da LP, principalmente no âmbito escolar: Como o livro didático (LD) de LP aborda o léxico do português brasileiro e do português de Portugal? O LD considera as transformações históricas, política, social e cultural, que se refletem no nosso português até os dias atuais do nosso português?

Diante de tais indagações, procurando respondê-las, desenvolveu-se a presente pesquisa com o objetivo geral de analisar, por meio do LD as abordagens da variação do léxico da LP. Para tanto, traçou-se os seguintes objetivos específicos: elucidar a partir do contexto histórico as variações linguísticas; verificar se a história da LP é prestigiada no LD; e verificar em qual contexto o LD aborda a variação lexical da LP. A pesquisa é bibliográfica, com abordagem qualitativa o livro analisado é intitulado: *Português Linguagens*, escrito por William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, em 2009, utilizado no 6º ano do ensino fundamental.

A organização deste estudo está fundamentada em três capítulos, o primeiro trata-se da abordagem sobre a chegada do romanos a Península Ibérica, como fator determinante para a construção, mudanças e evolução da LP, as características do latim clássico e vulgar, e transformação do latim vulgar em galego-português.

O segundo capítulo foi destinado a discorrer sobre o português que chega ao Brasil, apresentando as principais características da nossa língua, ficando evidente que o nosso português torna-se diferente das outras línguas, colonizadas pelos lusitanos.

No terceiro capítulo apresentamos a análise do LD: *Português Linguagens*, buscando identificar e entender como é apresentada a variação do léxico no mesmo, de maneira a responder aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Quanto aos procedimentos metodológicos esta pesquisa é de cunho bibliográfico, pautando-se em referenciais históricos já publicados para embasamento teórico, dos capítulos

iniciais. Mattar (1993) esclarece que as pesquisas bibliográficas é uma forma prática e econômica de aprofundar um problema de pesquisa embasado por trabalhos que já foram elaborados anteriormente. Ainda nessa linha, Gil (2002) reforça que ao apoiar-se em teorias já abordadas por outros pesquisadores, ao realizar estudos bibliográficos, o investigador deve produzir um novo documento, e não apenas reproduzir o que já existe, de forma que o conteúdo produzido seja rico em informações e posteriormente a sua publicação, sirva de base para futuros estudos.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa descritiva que, segundo Gil (2002), têm a finalidade principal a descrição detalhada das características de uma população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Este tipo de pesquisa permite ao pesquisador, descrever resultados coletados em pesquisas qualitativas e quantitativas.

Quanto à abordagem classifica-se como qualitativa que, para Rodrigues e Limena (2006), a pesquisa qualitativa não tem como objetivo avaliar dados estatísticos, ela é empregada para examinar problemas que não envolvem quantidade. Nesse processo é elaborado conceitos diante de alguns fatos visando à construção da realidade. Assim, Malhotra (2001) reforça a fala de Rodrigues e Limena, afirmando que as pesquisas qualitativas proporcionam uma visão mais ampla e compreensão do contexto do problema estudado.

1 CHEGADA DOS ROMANOS À PENÍNSULA IBÉRICA

A comunicação entre os indivíduos que habitam a terra, não pode ser considerada estacionária, pois ela passa por constantes modificações, variando de acordo com as condições ambientais e/ou sociais, sendo a língua falada, o principal meio de comunicação e interação entre esses indivíduos. Nessa perspectiva, Chagas (2008, p. 1) afirma que “[...] nenhuma língua permanece estática. Ela apresenta variedades geográficas, sociais e individuais, já que o falante procura utilizar o sistema idiomático da melhor forma que convém”. Nesse sentido, pode-se afirmar que por meio dos sistemas linguísticos os falantes se apropriam de todos os elementos necessários para a perfeita interação sociocultural.

Nessa perspectiva, sobre a mudança/evolução dos diferentes sistemas linguísticos, apresentamos ainda a visão de Araújo (2011, p. 6) que elucida “a língua não se diversifica apenas no espaço social, pessoal ou interpessoal; ela se diversifica também no tempo”. Assim, por entender que o homem, desde a antiguidade, mantém a comunicação e interação com seus semelhantes, *a priori* por meio de gestos, sinais, sons e desenhos, o que os diferenciam de outros seres irracionais, assim tornam-se relevantes os estudos pautados na abordagem histórica da apropriação da língua pelo homem que esteve e permanece em contínua evolução mental, psicológica, espiritual, social, entre outras.

Nesse contexto, a partir da chegada dos romanos a PI, no século III a.C, um fato histórico determinante para as transformações e evoluções da língua, como meio de comunicação no qual, o ser humano utiliza-se para interagir com o outro, e é por meio dela também, que o homem pode contemplar as obras de artes, livros e histórias. Nesse viés, devemos entender, que em busca do domínio de novos territórios “[...] os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras e indivíduos de outras civilizações, ensinavam, mas, também, aprendiam” (LUNA NETO, 2008, p. 12).

A dominação de um território se dá por questões políticas, sociais, econômicas, como também por fatores culturais e linguísticos, assim, os colonizados sofrerão certa aculturação, adquirindo tradições e costumes do país colonizador. Nesse arcabouço, a língua torna-se a principal estrutura linguística-cultural a sofrer modificações com os impactos de uma dada civilização, conforme o latim, que por ser mais estruturado politicamente, consolidou seu idioma sobre as outras línguas e influenciou significativamente as novas tradições fonéticas, morfológicas e até mesmo, sintáticas da LP.

Nessa percepção, Carvalho e Nascimento (1981, p. 19) destacam que “a língua portuguesa é um prolongamento do latim levado pelos romanos a Península Ibérica”. A chegada dos romanos à região, que a princípio era habitada por iberos, celtas, púnico-fenícios, gregos e lígures, segundo historiadores, é datada de 218 a.C. Tal episódio foi denominado como Guerras Púnicas, em que os romanos objetivavam o controle do acesso ao Mediterrâneo, pertencente aos cartagineses.

Segundo a visão de Coutinho (2011), as circunstâncias históricas da PI, vários povos antes dos romanos já haviam se firmado na PI, dessa forma, torna-se um pouco confusa a história territorial antes da conquista dos romanos, o autor disserta que a partir das investigações feitas através da arqueologia, etnologia e linguística pode-se concluir que, dois povos primitivos foram quem habitaram o chão peninsular, chamados de *cântabro-pirenaico* e *mediterrâneo*. Foram a partir destes dois povos que se teriam originado o *basco* e o *ibero*, povos de grande importância na história da PI entre outros que viveram para lá.

A capacidade de absorver a cultura de outros povos e a sua grandiosa expansão territorial, é uma característica da história do Império Romano. A conquista da Itália peninsular (349-290 a.C.) e de vários povos vizinhos como os: sabinos, volscos, équos, etruscos e outros. Roma completou meio século de domínio sobre as populações itálicas. O latim encontrou na península itálica o umbro, osco, ramos ilírico, grego e celta, línguas próximas pertencentes ao indo-europeu, além das línguas não indo-européias, como o lígure (ILARI, 2006).

No que diz respeito ao ocidente – Itália incluída – seria ingenuidade acreditar que os povos vencidos trocaram instantaneamente suas línguas maternas pelo latim; ao contrário, a fala dos vencedores conviveu por décadas e mesmo por séculos com as locais, sendo o bilinguismo a situação típica de conquista. [...] o latim, presente nas regiões submetidas numa variedade popular (o latim falado do exército, dos comerciantes e, em certos casos, dos veteranos assentados como colonos), e numa variedade erudita (a variedade escrita dos magistrados, da jurisdição e, até onde existia, da escola) ia-se impondo como a língua que exprimia uma cultura mais avançada e que abria melhores perspectivas de negócios e ascensão política e social (ILARI, 2006, p. 49).

A ambição por prata e pela conquista das rotas comerciais do Mediterrâneo causaram três guerras sangrentas, que se estenderam por mais de um século, chamadas de Guerras Púnicas, nome que os romanos utilizavam para referir-se aos cartagineses, significando púnicos do grego *phoínicoi*, que corresponde a fenícios (CASTILHO, 2009).

A primeira guerra púnica eclodiu em 264 a.C, durando até o ano de 241, saindo como vencedores dessa batalha, os romanos tomaram dos cartagineses as ilhas da Sicília em 241 a.C, da Sardenha e da Córsega em 238 a.C. Na segunda guerra púnica entre 219 e 201 a.C. os cartagineses quase saíam vencedores, no entanto, Roma se sobressaiu mais uma vez e criou nessa ocasião, na Ibéria, suas primeiras colônias não italianas: a Bética e a Tarraconense. Nesse cenário, Roma provocou a terceira guerra púnica, na qual se livrou definitivamente de sua rival (ILARI, 2006).

Após a invasão e vencer Cartago, o poder romano e conseqüentemente o Latim passaram a ser quase que predominante. Vale destacar, que além da dominação politico-militar, os romanos controlaram principalmente as demandas culturais, assim em concomitância a conquista territorial, esse povo passa a dominar linguisticamente, impondo, através da escola a os outros povos a se apropriarem do latim. Com isso, a região foi inicialmente desmembrada em duas: Hispânia Citerior, situada ao oriente da Península Ibérica, e a Hispânia Ulterior, localizada ao seu ocidente. A partir dessa divisão:

Formou-se uma cultura cidadina, mais desenvolvida economicamente, e mais isolada de Roma: para viajar a capital do Império, só de navio. Em consequência, desenvolveu-se nessa região uma modalidade conservadora do Latim Vulgar, particularmente na Bética, em que iria surgir o Galego-Português. Esta língua românica, portanto, seria mais conservadora no vocabulário, na fonética e na sintaxe, transformando menos o Latim Vulgar (CASTILHO, 2009, p. 6).

Formada pela Bética e Lusitânia, a Hispânia Ulterior, era habitada por Lusitani e Verrones, região que resultou o Galego e o Português. Criada pela Tarraconense, a Hispânia Citerior, posteriormente dividida em Cartaginense, Tarraconense e Galaecia, habitadas pelos Arevaci, Carpetani, Galleci, Celtiberi, Oretani e Vaccae resultaram o Catalão e o Espanhol. Diferentemente, segundo a visão de Castilho (2009, p. 8), “a Hispânia Ulterior e a Citerior compreendiam administrativamente os conventus, e estes as civitates, que eram à base da administração romana, tendo constituído o alicerce dos atuais municípios. Foi grande a floração cultural de Roma na Península Ibérica”. Conforme podemos observar a divisão desses dois territórios, a literatura romana alcançou seu apogeu cultural, dominando e determinando os costumes a serem seguidos e praticados por esses diferentes povos.

Figura 1- Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+hispania+ulterior+e+citerior&tbm>

Nesse contexto, a romanização da PI foi determinada por diferentes aspectos, como a dispersão das tribos e o prestígio de Roma. Para Assis (2011) esse período pode ser dividido em três fases, que consistem: em um momento inicial de expectativa, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de marginalidade, em que há participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a vitória da cultura romana, em que ocorre a romanização.

Assim, a formação da LP foi totalmente influenciada pela inserção do latim na PI. Entretanto, é importante ressaltar que a romanização da Península aconteceu de forma gradativa, onde aos poucos o latim foi dominando o território, de modo que lentamente as línguas nativas foram desaparecendo. “Nesse quadro de mistura étnica, o latim apresentava feições particulares, mesclado de elementos celtas e ibéricos, basicamente no vocabulário” (ASSIS, 2011, p. 6).

Diante do exposto, precisamos entender as características intrínsecas das derivações do latim clássico e vulgar, para buscarmos a compreensão das influências trazidas destas para o Português Brasileiro (PB).

1.1 AS CARACTERÍSTICAS DO LATIM: CLÁSSICO E VULGAR

Somente o vocabulário ou a sintaxe não satisfazem à concretização de uma língua, de acordo com Coutinho (2011), a LP proveio do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada na PI. O autor afirma que o português é o próprio latim modificado, sendo lícito cerrar, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como de forma errada se afirma, mas continua a viver, transformando no grupo de línguas românicas ou *Novi latinas*. Para o autor as principais circunstâncias que favoreceram o desenvolvimento do nosso idioma foram os fatos históricos, que pertencem à história acerca da PI.

O latim possuía duas variáveis, as relações entre o latim clássico e o latim vulgar, muitas vezes eram tratadas como o latim escrito e falado. O latim vulgar não sucede o latim clássico, ou seja, de ordem cronológica, senão social. Refletem duas culturas que conviveram em Roma: a de uma sociedade fechada (aristocrata); e a outra: uma sociedade aberta a todas as influências (plebe).

O latim vulgar pode ser compreendido como a língua utilizada pelas classes sociais menos privilegiadas, nesse sentido, o mesmo é referenciado a linguagem coloquial, ou seja, a linguagem, que era utilizada com finalidades práticas e comerciais, sem preocupação com as normas. Nessa perspectiva, o estudo do latim vulgar pode ser realizado por duas vertentes, por meio da reconstrução linguística e da análise de alguns escritos, como por exemplo, os *graffiti* de Pompeia, entre outros. Embora essas representações correspondessem à mesma língua, “as variedades clássica e vulgar do latim apresentavam diferenças na fonética, na morfologia, no léxico e na sintaxe e a presença de características de uma ou de outra variedade atesta a origem das línguas românicas” (ASSIS, 2011, p. 10).

Ainda no que concerne ao latim vulgar, Coutinho (2011) destaca, que os estudos realizados sobre essa variação do latim devem ser pautados nas obras dos escritores da decadência romana (a queda do Império Romano), especialmente, aqueles que escreviam com simplicidade, sem mostrar preocupação com a gramática e estilo, dentre estes escritores, estão os cristãos. O autor relata que não é fácil entender e identificar as premissas/pormenores dessa modalidade do latim. Afirma que, quanto ao vocabulário, o latim vulgar, prioriza as palavras compostas, derivadas ou expressões perifrásticas; atribui sentido especial a alguns vocábulos do latim clássico e emprega frequentemente termos representativos de ideias diferentes das expressadas no latim literário. Quanto à fonética, segundo o autor; o latim vulgar reduz os ditongos e hiatos a simples vogais; transforma alguns fonemas; utiliza o obscurecimento dos sons finais; evita palavras proparoxítonas; perde a aspiração fornecida no latim clássico pelo

h; transpõe o acento tônico; confunde reinante [i] e [e], principalmente em hiatos; desnasalção ou queda do [n] no grupo [ns] e [nf]; realiza frequentes assimilações, pela prótese de um [i] nos grupos iniciais [st], [sp], [sc].

Quanto à morfologia, segundo Coutinho (2011), o latim vulgar caracteriza-se pela redução das cinco declinações, que são identificadas pelo genitivo singular, representadas da seguinte forma, na 1ª declinação *genitivo singular - ae*, na 2ª declinação *genitivo singular - i*, na 3ª declinação *genitivo singular - is*, na 4ª declinação *genitivo singular - us* e na 5ª declinação *genitivo singular - ei*, essas cinco declinações foram reduzidas a três no latim clássico; assim, os seis casos *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, ablativo e vocativo* sofreram redução, em todas as declinações; tendência a tornar o neutro em masculino; uso do demonstrativo *ille, illa* e do numeral *unus, una* como artigo; substituição das formas sintéticas do comparativo e superlativo pelas analíticas; pela desordem nas conjugações; pela transformação dos verbos depoentes em ativos; formação analógica de alguns infinitivos irregulares; substituição do futuro imperfeito do indicativo por uma perífrase; emprego de perífrase verbal; pelo uso do mais que perfeito do substantivo pelo imperfeito e pelo desuso de alguns tempos de conjugação.

No que se refere à sintaxe, ainda conforme Coutinho (2011), a modalidade vulgar do latim, se diferencia do clássico pelas construções analíticas; pelo emprego frequente das preposições; pela regência diferenciada de alguns verbos e pela ordem direta.

Diante das características do latim vulgar citadas pelo autor, em seus estudos ao comparar-se a modalidade vulgar e clássica do latim, embora pareçam bem distintas, algumas das particularidades anteriormente mencionadas também existiam no latim clássico, no entanto, no latim vulgar estas características foram mais acentuadas. Em síntese, Assis (2011, p. 13) afirma que “o latim clássico era uma língua sintética, enquanto o latim vulgar era analítico. Muitas dessas características apresentadas foram herdadas nas línguas românicas”.

Contudo, segundo a visão crítica historiográfica de Ilari (2006), as relações entre o latim clássico e vulgar foram algumas vezes falseadas pela correlação de corresponderem respectivamente ao latim escrito e falado. Para o autor, de fato, o latim vulgar aparece raramente em textos escritos, por outro lado, o latim clássico foi uma língua falada e teve um suporte direto na expressão coloquial da aristocracia romana.

Nesse sentido, diferentemente de Assis e Coutinho, para Ilari, a diferença entre o latim clássico e vulgar não é cronológica, nem vinculada à escrita, senão social. Aos olhos do autor:

As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe (ILARI, 2006, p. 61).

O autor ainda pontua outra diferença entre o latim vulgar e o latim literário (designação do latim clássico para o autor), que se refere à estabilidade, pois enquanto o latim vulgar é instável, inovando-se constantemente e derivando para as variedades regionais. O latim literário permanece como uma língua estável tanto na forma escrita como falada de todas as situações mais formais. Embora distintos, “um exemplo da influência exercida pelo latim vulgar sobre o literário é o número cada vez maior de vulgarismos na língua da literatura” (ILARI, 2006, p. 63).

Contudo, a queda e fragmentação do Império Romano, eliminados os elementos unificadores do idioma, o Latim Vulgar falado no território peninsular, já bastante alterado pela ação do substrato linguístico peninsular (língua de um povo vencido sobre a qual se superpõe a língua do vencedor), se ampliou independentemente em cada região, ou seja, dialetou-se. Nesse contexto, Carvalho e Nascimento (1981, p. 21) afirmam que “a dialeção do Latim Vulgar tem, pois, como causa imediata a invasão bárbaro-germânica, e como causa imediata a ação do substrato linguístico”. Por essas questões além de linguísticas e políticas ocorreram mudanças que se constituíram uma nova língua, o galego-português abordado a seguir.

1.2 AS TRANSFORMAÇÕES DO LATIM VULGAR EM GALEGO-PORTUGUÊS

O marco inicial do galego-português coincide com a criação do Reino Independente de Portugal, acontecimentos esses, marcados por ações guerreiras em busca da Reconquista, em que Portugal queria tornar-se independente da Espanha e ao mesmo tempo expulsar os mouros, para dominar a PI. Nesse contexto, enquanto o rei foi consolidando seu território o galego-português foi se expandido, e deslocando-se do Norte para o Sul. Assim, todos os povos que permaneceram na península, moçárabes, mulçumanos, entre outros, adotaram essa língua.

A reconquista provocou importantes movimentos populacionais. Como os territórios retomados aos mouros ficaram despovoados, os soberanos cristãos repovoaram esses territórios e entre esses habitantes, a maioria era oriunda do Norte. Dessa maneira o galego-

português recobriu toda a parte central e meridional do território português. Podemos observar na Figura 2 a área primitiva do galego-português e da Reconquista.

Figura 2 – Mapa da Área primitiva do galego-português e da Reconquista



Fonte: Teyssier (2001, p. 8).

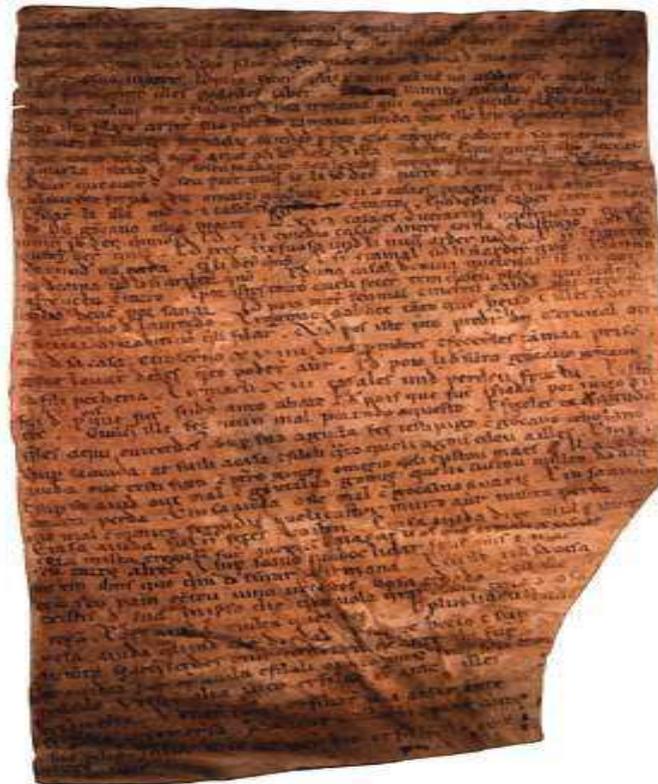
Por muito tempo, acreditou-se que os primeiros textos em galego-português datavam do século XII, no entanto, estudos posteriores comprovaram que os primeiros registros desta língua datam do século XIII (TEYSSIER, 2001). Assim, os primeiros registros correspondem ao Testamento de Afonso II (1214), representado na Figura 3 e a Notícia de Torto, representada na Figura 4. Logo os primeiros documentos tratavam-se de leis locais e gerais; diplomas reais e particulares.

Figura 3 - Testamento de Afonso II



Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>

Figura 4 - Notícia de Torto



Fonte: <http://opensadorselvagem.org/arquivo/matabicho-linguistico/a-noticia-de-torto/>

A linguagem literária surgiu no começo do mesmo século, pela floração da poesia lírica. Teyssier (2001, p. 27, grifo do autor) define o galego-português como “[...] língua primitiva [...], que foi conservada fundamentalmente em três compilações, das quais só uma foi organizada ao tempo dos trovadores: o *Cancioneiro da Ajuda* [...], *Cancioneiro da Vaticana* e, [...] *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*”. Nessa perspectiva,

concordando com o pensamento de Teyssier, Castilho (2009, p. 32) aponta que três categorias de poesia são recolhidas nesses cancioneiros: “(1) as cantigas de amor, de inspiração provincial, em que fala o homem, (2) as cantigas de amigo, mais populares, em que fala a mulher, (3) as cantigas d’escarnho e mal dizer, poemas satíricos, habitualmente grosseiros”.

As tradições gráficas começaram a ser estabelecidas, na segunda metade do século XIII, no próprio testamento de Afonso II, em 1214, já foi observada a escrita do *ch* para a africada [ts], exemplificada em: *sancho* e *chus* consoante diferente do [s], ao qual se aplica a grafia *x*. Quanto aos aspectos fonéticos e fonológicos, no galego-português o acento tônico recaía na última sílaba (*perdi*), na penúltima (*perde*), na antepenúltima (*alvíssara*); os fonemas vocálicos eram mais numerosos quando tônicos; nos ditongos, o timbre inicial era para *ei* e *eu*, um [e] fechado, e para *oi* e *ou*, um [o] fechado; quanto às consoantes, o sistema pode ser reconstituído considerando as características oclusivas, constrictivas, nasais, laterais, vibrantes e semivogais; as vogais são nasalizadas por uma constante nasal implosiva, ou seja, seguida de outra consoante (TEYSSIER, 2001).

Referente à morfologia e à sintaxe, no galego-português, na morfologia do nome e do adjetivo, ocorre à queda do *l* e do *n* intervocálicos, influenciando no plural dos nomes e adjetivos terminados em *l* (*sinal/sinaes*); nomes e adjetivos terminados em *ão*, *na* e *on*, queda do *n* intervocálico (*anus/manus/mão*); existia uma forma átona distinta da forma tônica para *meu*, *teu* e *seu* (*meu/mia*, *mia*, *minha/mia*, *mha*, *ma*); os anafóricos (*h*)*i* e *ende-en* tinham a mesma origem, o mesmo sentido e os mesmos empregos que *y* e *en* do francês (*j en viens*); na morfologia dos verbos os sistemas dos modos e tempos já é o do português moderno. Quanto ao vocabulário, o galego-português utilizava empréstimos do francês (*dama/dame*) e do provençal (*assaz/assatz*); palavras eruditas e semieruditas (TEYSSIER, 2001).

No contexto histórico, vemos que a transformação do latim em galego-português deu-se de maneira gradativa, à medida que, os povos iam dominando os territórios cobiçados implantavam sua cultura, sendo a língua uma das mais acentuadas. Com o passar das décadas, o galego-português evoluiu gradativamente até transforma-se no português. Diante desse cenário é esse português que chega ao Brasil no século XVI, que será abordado no próximo capítulo.

2 O PORTUGUÊS QUE CHEGA AO BRASIL

A LP foi inserida no Brasil a partir da chegada dos portugueses em 1500 e o início da colonização se deu por volta de 1532. Ao chegar a terras brasileiras, os colonizadores encontraram dificuldade para comunicar-se com os habitantes, assim, iniciou-se uma trajetória de desígnios dos portugueses acerca desse povo, e principalmente do ensino da língua do colonizador. Nesse contexto, os colonizadores viram as línguas aqui faladas como um grande empecilho para a dominação, por isso, “os portugueses passaram a ensinar o povo indígena a falar e a escrever em português, para que a ele fosse transmitida a fé e os costumes dos brancos, facilitando dessa forma, o processo de dominação” (GOULARTE, 2016, p. 1).

Para entendermos como o português chegou ao Brasil, precisamos situar os fatos históricos que contribuíram para esse fato. Dentre estes, o período colonial – chegada de D. João VI (1808); a chegada de D. João VI (1808) à independência (1822) e o Brasil independente (desde 1822). Tais contextos históricos são abordados por Teyssier (2001) no livro, *Historia da Língua Portuguesa*, traduzido em 2001 por Celso Cunha.

Quando os portugueses se instalaram no Brasil, os índios eram os povos dominantes, no entanto, mais tarde, os portugueses importaram da África grande números de escravos. Assim as três bases da população brasileira naquela época, eram os índios, os escravos e os portugueses (que contribuíram culturalmente em menor proporção). *A priori* só o litoral do país foi colonizado, com a fundação de São Paulo, contudo, a exploração do ouro, no século XVIII, determinou a ocupação do território do atual estado de Minas Gerais (COUTINHO, 2011).

Nessa época, o Brasil não possuía nenhuma universidade, dessa maneira, os jovens brasileiros se deslocavam até Coimbra para se formar. Segundo Teyssier (2001, p. 94):

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita.

Assim, em paralelo ao português existia o tupi, principal língua falada pelos indígenas das regiões costeiras.

No contexto histórico, Teyssier (2001, p. 95) pontua que:

Na segunda metade do século XVIII, porém, a língua geral entra em decadência. Várias razões contribuem para isso, entre as quais a chegada de numerosos imigrantes portugueses seduzidos pela descoberta das minas de ouro e diamantes e o Diretório criado pelo marquês de Pombal em 3 de maio de 1757, cujas decisões, aplicadas primeiro ao Pará e ao Maranhão, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Por elas proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o da língua portuguesa. A expulsão dos jesuítas, em 1759, afastava da colônia os principais protetores da língua geral. Cinquenta (sic) anos mais tarde, o português eliminaria definitivamente esta última como língua comum, restando dela apenas um certo número de palavras integradas no vocabulário português local e muitos topônimos.

Desse modo, o autor frisa que o marquês de Pombal tomou decisões, instaladas *a priori* no Pará e Maranhão, estendendo-se mais tarde a todo o Brasil para proibir o uso da língua geral, obrigando assim, o uso da língua portuguesa como oficial. Em concordância com Teyssier, Mattos e Silva (1993, p. 83) afirmam que:

A partir da segunda metade do século XVIII, uma série de fatores de história externa conduzem à definição do Brasil como país majoritariamente de língua nem indígena nem africana. O multilinguismo (sic) menos ou mais generalizado, a depender da conjuntura histórica local nos séculos anteriores, localiza-se e abre, então, o seu caminho o português brasileiro. Em 1775, com o Marquês de Pombal, se define explicitamente para o Brasil uma política lingüística (sic) e cultural que fez mudar de rumo a trajetória que poderia ter levado o Brasil a ser uma nação de língua majoritária indígena, já que os dados históricos informam que uma língua geral de base indígena ultrapassara de muito as reduções jesuíticas e se estabelecia como língua familiar no Brasil eminentemente rural de então. O Marquês define o português como língua da colônia, conseqüentemente (sic) obriga o seu uso na documentação oficial e implementa o ensino leigo no Brasil, antes restrito à Companhia de Jesus, que foi expulsa do Brasil.

Nessas constatações, evidenciamos a importância/centralidade conferida ao Marquês de Pombal, ou seja, ao período pombalino, atribuído como remodelação iluminista, determinante para definição da história linguística do Brasil. Na visão de Lobo (2001, p. 63), existem duas relações de causalidade nas falas dos historiadores citados acima:

a. em primeiro lugar, considera-se que a política lingüística (sic) traçada pela metrópole exerceu um papel fundamental favoravelmente à definição do português como língua hegemônica no Brasil; b. em segundo lugar, considera-se que o modelo de ensino adotado, além de ter sido um dos fatores responsáveis pela consolidação do português como língua dominante, teria ainda conduzido à homogeneização do português brasileiro.

Sobre a chegada de D. João VI em 1808 até a Independência em 1822, Teyssier (2001) explica que em 1816 o rei é obrigado a se refugiar no Brasil, impulsionado pelas invasões francesas. Ao chegar ao território brasileiro, D. João VI faz do Rio de Janeiro a capital da monarquia de Bragança, que antes era Salvador, abrindo o país ao exterior, o que acelerou o progresso material e cultural do Brasil. Em 1821, D. João VI retorna a Portugal, deixando a colônia pronta para independência.

Em 1822, com a independência do Brasil, passa-se a valorizar tudo que o distingue da antiga metrópole, principalmente suas raízes indígenas, deixando influenciar-se pela cultura francesa, além de outros imigrantes europeus, de nacionalidades variadas. Nesse viés, “como o tráfico dos negros africanos cessou por volta de 1850, e como os índios se diluíram na grande mestiçagem brasileira, essas vindas maciças de imigrantes europeus têm contribuído para branquear o Brasil contemporâneo” (TEYSSIER, 2001, p. 97).

Nesse cenário, o polo de desenvolvimento do Brasil desloca-se para o Centro-Sul, e a urbanização e industrialização modificam inteiramente a aparência do Brasil. Com a expansão demográfica e crescimento econômico, o antigo Brasil rural transformou-se num subcontinente, em que zonas desenvolvidas de civilização urbana coexistem com regiões subdesenvolvidas. Teyssier também assegura que são nas vastas megalópoles de São Paulo e do Rio de Janeiro, como nas cidades que apresentam mais de um milhão de habitantes, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Recife e Fortaleza, “[...] que se elabora, nos dias de hoje, a forma particular de português que é a língua do Brasil” (TEYSSIER, 2001, p. 97).

Assim o português brasileiro apresenta características intrínsecas e influenciadas por inúmeros contextos históricos, diante disso, buscamos entender adiante, suas principais características.

2.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

As variedades do português brasileiro surgem a partir da observação das línguas naturais. “As línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham o espaço geográfico, sociocultural e temático [...], e o canal linguístico que escolhem para comunicar-se” (ILARI, 2006, p. 247).

A base lexical da língua portuguesa vem do latim, muitos empréstimos foram extraídos de obras dos escritores romanos. Segundo Assis (2011) como decorrência, há hoje

no português uma sequência de adjetivos com radical diferente do concernente substantivo: ocular/olho, digital/dedo, pluvial/pluvial.

A implantação do português no Brasil foi marcada por diferentes momentos, Ilari (2006) aponta três teorias: a hipótese evolucionista, que defende a existência de uma língua brasileira; a hipótese crioulista, mostrando a importância do Brasil-Colônia com outras línguas; e a hipótese internalista, ou seja, as tendências próprias ao sistema.

Quanto às características relacionadas à diversidade demográfica e cultural do Brasil, Teyssier explica que os linguistas distinguem a semelhança entre os dialetos brasileiros, entre um Norte e Sul. Para o autor, “as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de suas regiões distantes uma da outra” (TEYSSIER, 2001, p. 98). Nessa perspectiva, existem níveis culturais da língua, no ápice, aquela utilizada pelas pessoas cultas, depois, a língua vulgar empregada pelas pessoas menos instruídas, e por fim os falares regionais e rurais.

Quanto ao campo fonológico, as primeiras evoluções/alterações foram: à eliminação de numerosos encontros vocálicos; unificação do singular das palavras (*mão, cão, leão*) e manutenção da distinção entre *b* e *v*. Posteriormente, durante parte do período colonial houve outras modificações, como, a monotongação do [ou] por [o]; simplificação do [ts] em [s] (TEYSSIER, 2001).

Ainda, segundo o mesmo autor, no campo fonético, houve modificação: na pronúncia de [s] e do [z] implosivos (*atrás/uma vez; vista/faz frio; mesmo/atrás dele*); pronúncia das vogais átonas (*passo/passe/passa*); conservação no Brasil da pronúncia [ey] para ditongo que em formas como (*lei e primeiro*); reações ortográficas de Portugal (*descer/piscina/*) são desconhecidas no Brasil, sendo pronunciadas como (*decer/picina*); no Brasil não existe a oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas [a], [e] e [o]; o Brasil ignora as vogais escritas [a], [e] e [o], a oposição do timbre aberto e fechado; proclíticos e enclíticos em [e]; vocalização de [l]; pronúncia chiente de [s] e [z]; encontros consonantais em certas palavras de origem erudita (*admirar/advogado/observar*); nos grupos [ti] e [di], as oclusivas são geralmente palatizadas (*tio/mentiu/sentir/pentear*); pronúncia de [r] em final de sílabas (*douto/doutor, pegá/pegar*) (TEYSSIER, 2001).

Ilari (2006) aborda algumas características gramaticais no campo morfológico, a elevação da vogal temática *a* para [e] e [e] para *i* no pretérito perfeito indicativo, para diferenciá-lo do presente do indicativo: *fiqumo* por *ficamos*, *bebimo* por *bebemos*, outro

aspecto foi à perda do valor comparativo de superioridade nas formas sintéticas: *mais mió* por *melhor*.

De acordo com Castilho (2009), a morfologia verbal do português brasileiro acompanha essa simplificação, reduzindo-se a quatro formas (*falo, fala, falamos, falam*). Para o português de Portugal a morfologia dos verbos irá dispor de seis formas diferentes (*falo, falas, fala, falamos, falais, falam*).

As relações sintáticas da língua portuguesa possuem muitas discordâncias, acarretando no léxico e na pronúncia.

Concordância nominal: nas classes não-escolarizadas há uma probabilidade maior de não ocorrência da marcação redundante do plural no interior do sintagma nominal. Aumentando a saliência fônica entre singular e o plural, aumenta a probabilidade de ocorrência da regra de pluralização, e assim “as colheres” ocorre com frequência maior do que “as mesas” (ILARI, 2006, p. 253).

Segundo o autor supracitado, para o português brasileiro os pronomes de tratamento, usa-se *você* quando há um grau de intimidade, e *o senhor* em uma situação de formalidade. Essa forma passa a se alterar, com o surgimento de *ocê* e *cê*, já em regiões que se mantém o *tu* no tratamento informal, o pronome *você* tem característica de certo distanciamento. O autor ressalta que, para o português de Portugal, em meados do século XVI usava-se o pronome *tu* para tratamento informal e *vós* para o tratamento formal, neste caso *vós* era substituído por *Vossa Mercê*, para dirigir-se ao rei e aos nobres, em seguida *Vossa Mercê* foi aplicado às cerimônias burguesas, para depois disputar com *tu* e *você*.

Sabe-se que, as discordâncias são bem maiores onde não se conhecem as leis gramaticais, que é o caso das camadas populares. Coutinho (2011) apresenta as principais situações: a colocação irregular dos pronomes oblíquos: *me disseram*; o uso da preposição *em* com verbos de movimento: *vou na janela*; os pronomes pessoais do caso reto *ele, ela, eles, elas*, como objeto direto: *vi ele*; o verbo no plural como sujeito coletivo: *o povo foram*. Para o autor, no domínio do vocabulário, fonético e morfológico, as discordâncias da linguagem portuguesa são legítimas, ao ponto de não termos crítica, de outro modo devemos inferir as que se dão no da nossa sintaxe.

Quanto ao vocabulário, a forma escrita entre Brasil e Portugal se distancia. Enquanto no Brasil escreve-se (*diretor/ação/ótimo*) em Portugal escrevem (*director/acção/ótimo*). “Existem ainda, particularidades intrínsecas a linguagem brasileira” sobretudo quando se trata de identificar objetos e noções próprios a realidade brasileira, ao clima à flora, à fauna, às

tradições locais, aos costumes, á cultura popular, à vida social que o ‘brasileiro’ manifesta a sua criatividade vocabular e fraseológica” (TEYSSIER, 2001, p. 109).

Vale ressaltar que o vocabulário brasileiro foi totalmente influenciado pelas duas populações com as quais os portugueses se misturaram ao adentrar o solo brasileiro, os índios e os escravos negros. Nessa perspectiva, França (2002, p. 196) destaca que “as línguas em contato tiveram papel relevante na nova terra descoberta, principalmente, em função do nível de adaptação de cada uma delas àqueles contextos sociais”.

Assis (2011), afirma que temos muitos vocábulos da língua brasileira que são de origem *tupi*, essa influência indígena contribuiu para apropriação de vocábulos relacionados à flora, nomes de frutas, fauna, personagens espectrais, entre outros, (*capim, guri, curumim, abacaxi, buriti, peroba, canjarana, capivara, quati, saci, caipora*).

Quanto ao vocabulário de origem africana, existem alguns problemas, pois “certas palavras passaram diretamente da África a Portugal, sem transitar pelo Brasil, e foram, posteriormente, introduzidas no país pelos portugueses” (TEYSSIER, 2001, p. 110). Já França (2002, p. 200) afirma que “no caso das línguas africanas no Brasil, tivemos empréstimos, por exemplo, do quimbundo: caçula, camundongo, tanga, em que foram empregadas regras fonológicas da língua em que se estava incorporando”.

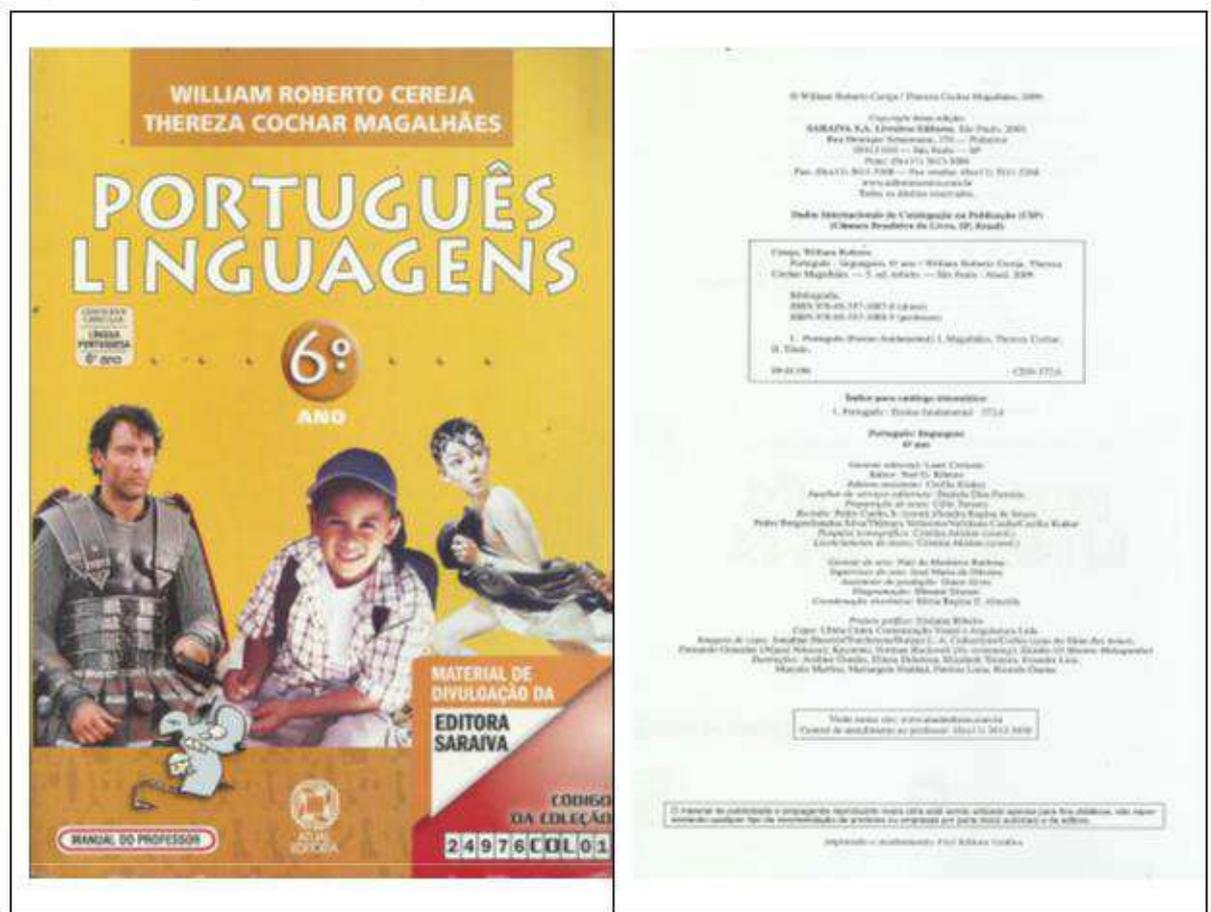
Além destas contribuições para o português do Brasil, Coutinho (2011) destaca que outros povos, além dos indígenas e africanos trouxeram contribuições para o português do Brasil, em vários aspectos, mas limitando-se mais ao léxico. Entre estes povos ele cita: Caribe (Antilhas, Venezuela, Guiana); Taíno (Haiti); Nautle (México); Mapuche (Chile) e o Quíchua (Peru).

Mediante ao exposto, podemos afirmar que o Português do Brasil *a priori* é fruto da diversidade cultural de povos indígenas e de africanos. Nesse contexto, o Português do Brasil é distinto do Europeu, por trazer falares diferenciado em função do cenário sociolinguístico dos povos de sua origem, cujo fundamento permitiu a aquisição de língua também peculiar e um povo mestiço. A partir dessa visão observaremos como é apresentada a variação lexical do livro didático intitulado Português Linguagens, escrito por Cereja e Magalhães para o 6^o ano do ensino fundamental.

3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO FUNDAMENTAL II

O livro analisado, representado na Figura 5, tem como título Português Linguagens, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, referente ao 6º ano do ensino fundamental II, manual do professor, que se divide em quatro unidades (No mundo da fantasia; Crianças; Descobrimo quem sou eu; Verde, adoro ver-te). Cada uma dessas unidades é subdividida em três capítulos.

Figura 5 – Capa e Ficha Catalográfica do LD



Fonte: Cereja e Magalhães (2009).

A análise realizada nesta pesquisa pautou-se na Unidade I - No mundo da fantasia, e no capítulo II – Todas as crianças crescem... menos uma!, da página 44 a 51, pois através de uma análise prévia identificou-se que entre as atividades deste livro, apenas as apresentadas entre as páginas 44 a 49 abordaram as variedades linguísticas de forma superficial.

Observa-se na figura 6 a subdivisão do Capítulo 2 abordado nesse estudo, faz alusão a uma frase retirada da narrativa Peter Pan de James Barrie.

Figura 6 - Apresentação do Capítulo 2 do LD

CAPÍTULO 2 — Todas as crianças crescem... menos uma!		
Peter Pan, James Barrie		35
	Estudo do texto	38
	Compreensão e interpretação	38
	A linguagem do texto	40
	Leitura expressiva do texto	40
	Cruzando linguagens	40
	Trocando ideias	42
Produção de texto		42
O conto maravilhoso		42
A língua em foco		44
As variedades linguísticas		44
	Língua padrão: a variedade de prestígio social	45
	Falar bem é falar adequadamente	45
	Outros tipos de variação	46
	As variedades linguísticas na construção do texto	49
	Semântica e discurso	51

Fonte: Cereja e Magalhães (2009).

A introdução do capítulo estudado, representada na Figura 7, traz como título: A língua em foco e o subtítulo; Variedades Linguísticas apresentando às variedades linguísticas, a partir da leitura do gênero textual histórias em quadrinhos, que narra um diálogo entre Chico Bento e Rosinha do autor Maurício de Sousa.

Figura 7 – Histórias em Quadrinhos



Fonte: Cereja e Magalhães (2009, p. 44).

No diálogo entre os personagens supracitados, representado na Figura 8, percebe-se que autores da obra preocuparam-se enfatizar como os personagens se comunicam, principalmente na parte escrita obedecendo à língua falada, percebe-se que a dialeção está presente em todas as regiões do Brasil, mesmo com a língua portuguesa sendo a de maior prestígio, os personagens apresentam falares típicos de sua região. Tais constatações ficam

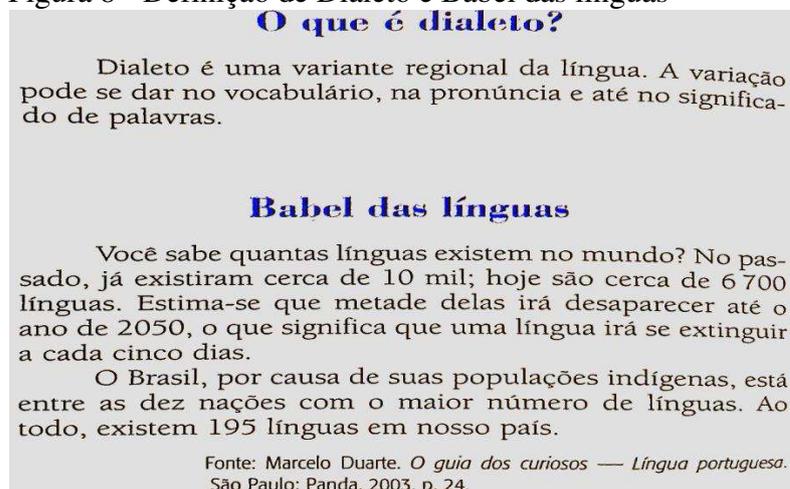
evidenciadas quando na fala de Rosinha aparece à escrita (*entrá, di fror, di laranjeira*), reforça-se que a escrita pressupõe a modalidade falada.

Com dois quadros informativos, representados na Figura 8, os autores do livro apresentam de maneira sucinta a definição de dialeto, que corresponde à variação regional da língua, compreendendo desde vocabulário, pronúncia, como também o significado das palavras. Embora exista certa preocupação por parte dos escritores, em situar os leitores/alunos sobre a definição de dialeto, observa-se que esta abordagem é insuficiente por tratar-se de uma estrutura importante para compreensão das diferentes variações linguísticas, que por tratar-se de valores regionais, ultrapassam a língua culta. Para facilitar a compreensão do alunado, os autores poderiam ter se aprofundado um pouco mais na explicação.

Ainda na Figura 8, quando os autores descrevem sobre Babel das Línguas, percebe-se que os dados apresentados mostram-se superficiais, a primeira crítica a ser levantada referente à própria fonte utilizada por estes, correspondem a uma informação retirada de um guia, no entanto o mesmo é datado do ano de 2003. Se o livro foi publicado em 2009, sendo essa informação referente a 2003, existe no mínimo 06 anos de retrocesso na informação, dessa maneira, pode-se assegurar que os autores deveriam ter utilizado uma fonte mais atualizada, como também ter contextualizado mais sobre as diversidades linguísticas.

Tais informações incompletas e/ou descontextualizadas podem confundir o aluno, e por serem insuficientes, reafirmam a necessidade de pesquisa em outras fontes além do LD. Este fato remete a necessidade do professor enquanto mediador do conhecimento, planejar sua prática docente, bem como se certificar se o LD adotado pela sua escola, por si só é suficiente para abordagem dos conteúdos, de maneira que permita uma aprendizagem eficiente e não fragmentada.

Figura 8 - Definição de Dialeto e Babel das línguas



Fonte: Adaptado, Cereja e Magalhães (2018, p. 44).

Na Figura 9, os autores abordam as variedades linguísticas tomando como partido a língua padrão ou norma culta, pois existe a necessidade de comunicação entre os falantes de uma determinada região. A língua padrão possui um maior prestígio social por internalizar a comunicação através da perspectiva formal, por meio da qual, o falante/escritor se adequa ao contexto e/ou conteúdo para quem fala/escreve.

Figura 9 – Variedades linguísticas

Língua padrão: a variedade de prestígio social

Todas as variedades linguísticas são eficazes na comunicação e possuem valor nas comunidades em que são faladas. Apesar disso, existe entre as variedades uma que tem maior prestígio social, pois é utilizada em livros, documentos, cartas comerciais, jornais, revistas, programas de tevê e por pessoas que tiveram mais acesso aos estudos: é a **língua padrão**, também conhecida como **variedade padrão** ou **norma culta**.

Essa variedade linguística é necessária em diferentes momentos de nossa vida social: ao fazermos uma entrevista para conseguir um emprego, ao apresentarmos um trabalho escolar, ao participarmos de um debate, ao escrevermos uma carta para uma autoridade da prefeitura, ao fazermos um requerimento, etc. Dada sua importância, a escola se propõe a ensinar a variedade padrão a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.

Acesso à língua padrão: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar, ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso à língua padrão e saber se expressar por meio dela não é um privilégio de poucos. Ao contrário, é um direito de todo cidadão. Apropriando-nos da língua padrão, colocamo-nos em pé de igualdade linguística com todas as outras pessoas e, assim, fica mais fácil termos nossa voz ouvida e nossos direitos respeitados.

Língua padrão, norma culta ou variedade padrão é a variedade linguística de maior prestígio social.
Língua não padrão é o conjunto de todas as variedades linguísticas diferentes da língua padrão.

Falar bem é falar adequadamente

Quando você vai a uma cerimônia de casamento, que tipo de roupa você costuma vestir? Uma roupa simples, dessas que usa no dia a dia, ou sua melhor roupa? E quando você vai à praia ou vai se divertir com um amigo ou uma amiga, veste o mesmo tipo de roupa que usa em um casamento? Claro que não. Existe uma roupa adequada a cada situação.

Falar uma língua é parecido com vestir-se: assim como existe uma roupa adequada para cada situação, existe também uma variedade linguística adequada para cada situação.

45

Fonte: Adaptado, Cereja e Magalhães (2018, p. 45).

Na Figura 10, os autores abordam de maneira sintética os outros tipos de variação linguística, destacando a oralidade e escrita, a formalidade e informalidade e a gíria. Observa-se a abordagem sobre as variações oralidade e escrita, formalidade e informalidade, embora os autores exemplifiquem suas falas, percebe-se que os mesmos deveriam ter contextualizado, bem como exemplificado mais tais abordagens.

Figura 10 - Oralidade e escrita, Formalidade e informalidade

Oralidade e escrita

Nos dias de hoje, a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever. Por isso, existe a tendência de a língua oral e a língua escrita se influenciarem mutuamente, pois, quanto mais as pessoas têm acesso à língua escrita, mais utilizam na fala as características da escrita.

Apesar disso, quando escrevemos, temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos. Já na fala não há essa possibilidade. As correções, quando existem, são feitas na hora; além disso, a linguagem apresenta repetições, quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e várias expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendeu?**, **hum...**, etc.

Formalidade e informalidade

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público, quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, quase sempre empregamos a **língua formal**, isto é, falamos de modo mais cuidadoso, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha**, **safado**, **pra caramba**.

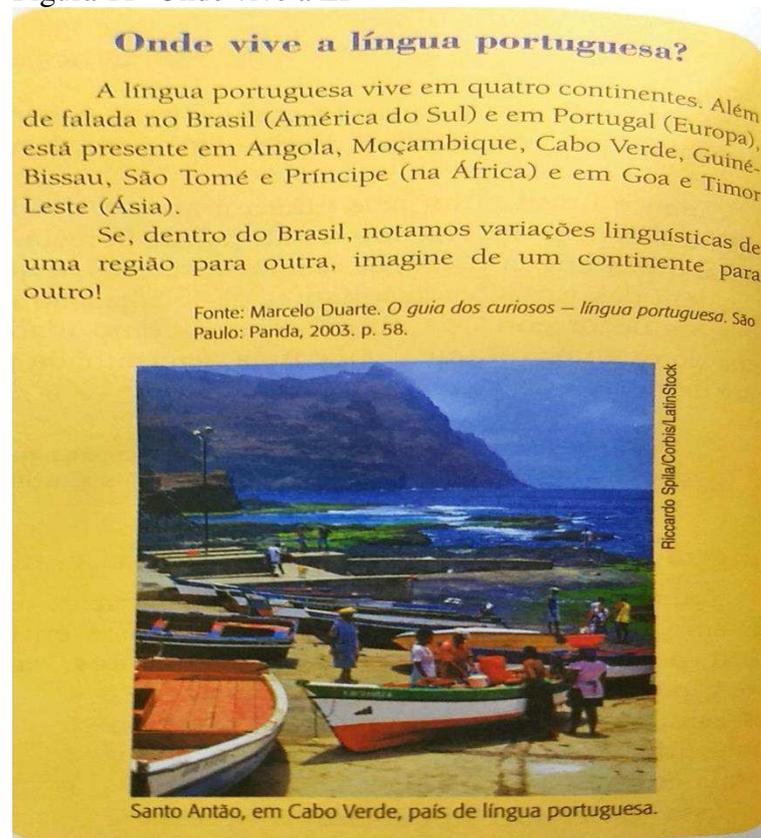
Fonte: Cereja e Magalhães (2018, p. 46).

Na Figura 11, os autores destacam os países que fazem uso da língua portuguesa, de maneira análoga, os escritores comparam a variação linguística existente no Brasil, afirmando que existem muitas variações, referindo-se a quantidade de variações utilizadas nos quatro continentes: América do Sul, Europa, Ásia e África.

Apesar da abordagem ampla ao citar os quatro continentes, percebe-se a falta de contextualização histórica, desconsiderando os diversos fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que contribuíram e contribuem para formação das variações linguísticas. A maneira exibida nas falas dos autores deixa a entender que a apropriação/dominação linguística ocorreu de maneira homogênea e pontual, no entanto, diversos estudos históricos comprovam que esse processo aconteceu de modo gradativo, de acordo com a aculturação dos diferentes povos.

Conforme abordado nos capítulos anteriores, a colonização de Portugal pelos romanos no século III a.C., bem como, a colonização do Brasil pelos portugueses no século XVI são alguns fatores que contribuíram para a origem da LP.

Figura 11- Onde vive a LP



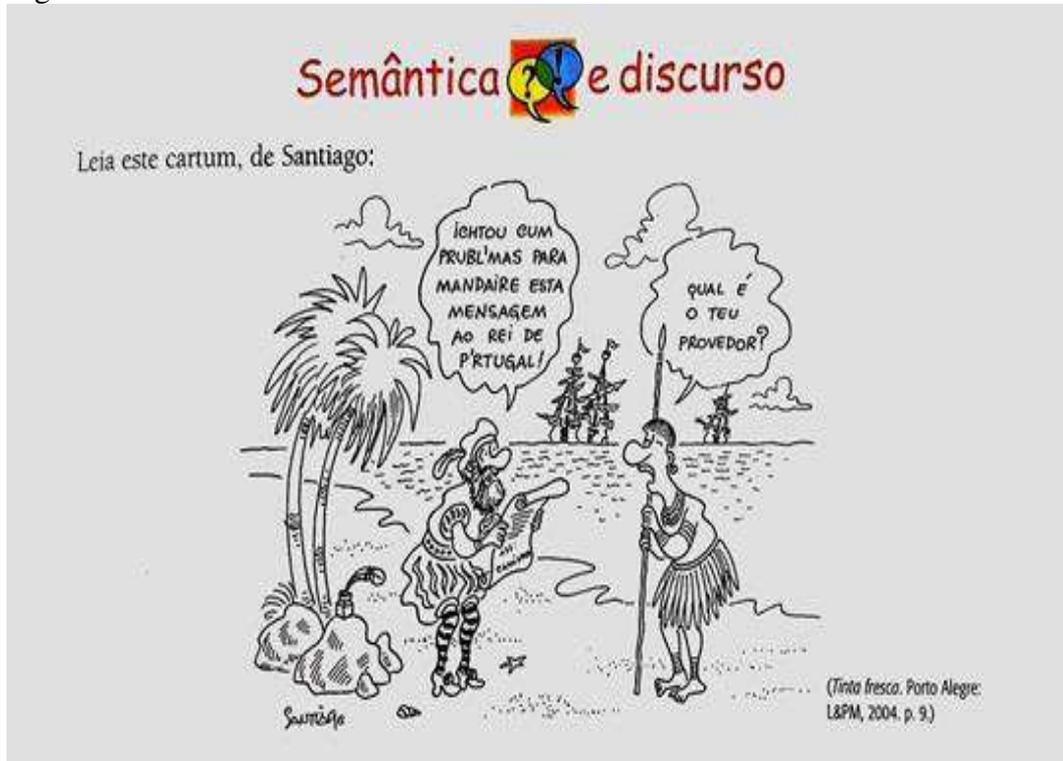
Fonte: Adaptado, Cereja e Magalhães (2018, p. 46).

Com base na análise do cartum apresentado na Figura 12 do livro analisado, podemos perceber que os autores desprezam a ortografia de algumas palavras, escrevendo de modo a reproduzir a pronúncia. Observa-se também que os autores reproduziram a diferença de realidade histórica na língua, remetendo a figura do colonizador (a esquerda) e do índio (a direita), dessa maneira percebe-se que, junto ao cartum os escritores poderiam ter utilizado informações sobre o contexto histórico da nossa língua.

Ao analisar a resposta do índio ao colonizador, pode-se supor que a intenção da charge, ao referir-se a provedor, retoma-se a ideia de que o índio está “à frente” do tempo do colonizador, uma vez que em tempos remotos os índios não utilizavam tal expressão. Assim, conclui-se que uma das mensagens que a charge oferece é a ideia de que os indígenas, primeiros habitantes dos solos brasileiros, diferentemente do que os colonizadores pensavam, já haviam internalizado sua própria língua. Sendo esta, totalmente influenciada pela presença dos colonizadores, entre outros contextos.

Em síntese, as duas personagens do cartum são falantes da língua portuguesa, no entanto, há diferenças entre a linguagem das mesmas, pois falam variedades linguísticas diferentes.

Figura 12 - Semântica e discurso



Fonte: Cereja e Magalhães (2018, p. 51).

Ao longo do capítulo analisado, no recorte da Figura 13, identificam-se as variações do léxico da LP do Brasil e de Portugal de maneira limitada. Na oportunidade os autores, diferenciam a grafia das palavras nas frases, entre o português brasileiro e o lusitano, utilizando para tanto a titulação de filmes. Ao trabalhar essa diferenciação por meio dos nomes de filmes, os autores facilitam a compreensão do alunado, partindo do entendimento que estes filmes fazem parte da vivência de alguns desses alunos, o que facilita a associação entre as diferentes formas lexicais.

Analisando outra vertente, caso o aluno não apresente familiaridade com os filmes apresentados, seu aprendizado será dificultado, pois os autores apenas mostram de maneira superficial. Nesse âmbito, pressupõe-se que os autores deveriam apresentar de maneira detalhada a contextualização histórica das variações linguísticas. De modo que as diferenças/variações lexicais apresentadas na figura necessitam de uma leitura breve, sobre em que contexto utilizá-las, por mais plausível que seja a atividade.

Figura 13 - Filmes em Portugal

Filmes em Portugal

As diferenças entre o português brasileiro e o lusitano também se refletem nos nomes dos filmes. Veja algumas delas:

<i>A bela e a fera</i>	<i>A bela e o monstro</i>
<i>Arquivo X</i>	<i>Ficheiros secretos</i>
<i>O gordo e o magro</i>	<i>Bucha e estica</i>
<i>O professor alopado</i>	<i>O professor chanfrado</i>

Fonte: Marcelo Duarte. *Guia dos curiosos – língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 60.

Fonte: Adaptado, Cereja e Magalhães (2018, p. 51).

Ao analisarmos os exercícios trabalhados neste capítulo, pode-se afirmar que as mesmas são apresentadas sem contextualização, havendo a necessidade de se considerar os aspectos históricos, pois, para as dúvidas que aparecerem em sala de aula, o livro não contempla os fatos ocorridos na língua. Diante do exposto reforça-se a necessidade de fontes complementares a serem inseridos em sala de aula para minimizar as lacunas históricas apresentadas no livro analisado.

As variedades linguísticas são eficazes na comunicação e cada variante possui valor nas comunidades em que são faladas, falar uma língua é bem parecido como vestir-se, cada situação merece uma roupa adequada. Com isso, percebe-se que o LD estudado precisa ser pautado em alguns pontos, como por exemplo, textos históricos da época em que o português que chega ao Brasil colônia e entra em contato com as línguas indígenas e africanas; qual LP que chega ao Brasil; as influências políticas, sociais e culturais do país, até a chegada do português atual, pois as mudanças da língua são contínuas ao modo em que a sociedade evolui.

Em síntese a análise do LD e sugestões para inserção, verificou-se que, a obra pode ser acrescida de conteúdos que submetam o aluno a contextualizar as variações lexicais, a partir de, como a LP assume diferentes características nos diversos países em que é falada; como a LP tem a mesma importância nos diferentes países onde é falada; como a influência da cultura local na construção da língua no decorrer do tempo; para além de um instrumento de comunicação como LP nos dá uma sensação de pertencimento a um local/cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo histórico da LP é de imenso valor, porquanto, descreve as mudanças ocorridas na língua no decorrer da sua história, desde a sua origem no latim vulgar até o século XXI. No estudo apresentado, buscou-se expor com perceptibilidade a evolução do português, além de apresentar como se procedeu a formação das línguas românicas, bem como a formação do português do Brasil, a variação lexical dentre outros assuntos relevantes.

A pesquisa manteve-se nos primeiros capítulos pautada na evolução e mudança da LP, desde a chegada dos romanos a PI, influenciada pela necessidade de se comunicar que os povos passaram a adotar a sua própria língua para poder interagir em comunidade, ou seja, o fator social, político e cultural foi o fator determinante para a formação de uma língua, no caso a LP.

De acordo com autores citados, percebe-se, que o latim clássico e o latim vulgar foram às línguas que desencadearam nossa história, desse modo percebeu-se que o estudo do léxico dessas línguas precisa ser analisado em duas vertentes, o latim vulgar como língua de maior contato entre os povos que habitavam região da PI e também porque havia alguns autores de menor prestígio social que já produziam seus textos. Com isso o latim clássico passou-se a ser utilizada na alta sociedade, como também nas escritas, leis, decretos, igrejas e etc.

As influências que as línguas românicas sofreram, acarretaram na formação do galego-português, língua que marcou os primeiros escritos em português, através da literatura com as cantigas e as traduções escritas pela necessidade de se conservar os textos literários.

A LP em contato com as línguas que já habitavam o Brasil modificaram-se ainda mais, havendo o processo de variação do léxico, da sintaxe, da semântica e da morfologia, pois os índios tinham seus dialetos e com chegada dos africanos, holandeses, franceses e entre outros povos que buscavam a nova terra, a nossa LP passa a diferenciar-se do português de Portugal.

Os alunos têm o direito de conhecer as diversas variações da língua e de saber usá-las adequadamente e cabe ao professor ensinar-lhes, tornando-os receptores críticos, politizados e com capacidade de discernimento. No entanto, percebe-se que, de um modo geral, não há uma preocupação em relação ao estudo crítico da história da LP, a qual é dada aos alunos sem critérios e sem questionamentos, como se fosse um manual de regras impostas a serem decoradas.

O objetivo da pesquisa foi alcançado parcialmente, um resumo do que foi apresentado, é uma pesquisa que não tem como objetivo tratar o assunto de maneira definitiva, e por isso pode-se ter outras visões.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. de A. A. **Linguagem e Identidade Cultural: Uma Abordagem Sociolinguística**, 2011. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- ASSIS, M. C. de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.
- BOAS, C. M. S. V., HUNHOFF, E. D. **Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social**. Disponível em: <<http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/>>. Acesso em: 16 maio 2018.
- CARVALHO, D. G; NASCIMENTO, M. **Gramática histórica: para o 2^o grau e vestibulares**. 13^o ed. São Paulo: Ática, 1981.
- CASTILHO, A. **Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa?**. in: Museu da Língua Portuguesa. 2009. p. 06, 19, 22, 34. Disponível em: <<http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-onde-e-quando-nasce-a-lingua-portuguesa.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- CHAGAS, C. E. das. O Papel Social da Língua: O Poder das Variedades Lingüísticas. **Revista Soletras**, n.16, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/5011/3683>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, RJ: Imperial Novo Milênio, 2011.
- _____. História da língua portuguesa. In: _____ (Org.). **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, RJ: Imperial Novo Milênio, 2011, p. 46–57.
- FRANÇA, N. A. Origens do português no brasil: da criolização ao português brasileiro. **Revista de História Regional**, 7 (1):195-205, Verão, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GOULARTE, R. da S. **O ‘ensino’ do português para os índios do Brasil: um percurso de intenções**. Associação de Leitura do Brasil. 2016. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03_04.pdf> Acesso em: 21 out. 2018.
- ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- _____. **Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LOBO, T. **Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LUNA NETO, F. M. **A importância de estudar o latim para o aprendizado da sintaxe da língua portuguesa pelos discentes de letras da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC-BA.** RIO DE JANEIRO: CIFEFIL, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/04/01.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2018.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing.** 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MATTAR, F. N. - **Pesquisa de Marketing** - metodologia, planejamento, execução e análise. São Paulo: Atlas, 1993.

MATTOS E SILVA, R. V.,. Português brasileiro: raízes e trajetórias. In: **Ensaio para uma sócio história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 1993.

RODRIGUES, M. L; LIMENA, M. M. C. (Orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas.** Brasília: Líber Livros Editora, 2006.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. 2^o ed . - São Paulo: Martins Fontes, 2001.